



NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

UM ANO DE LUTA

A um ano da saída do primeiro número do nosso trissemanário «Nô Pintcha» cabe aqui evocar a ideia que gerou a criação deste órgão de Informação; a par dessa evocação perguntar se «Nô Pintcha» corresponde hoje aos anseios que motivaram a sua criação.

A criação de «Nô Pintcha» partiu da ideia de que era absolutamente necessário possuir um órgão de Informação que além do seu carácter informativo e formativo, pudesse ser um apoio importantíssimo aos nossos combatentes e quadros no seu trabalho político e de organização. «Nô Pintcha» deveria assim, ter um conteúdo político que contribuisse para a formação e evolução dos nossos quadros, e fazer conhecer a vida política, social e económica do nosso país com todos os seus problemas, as razões de ser desses problemas, e a orientação do Partido e do Estado para a solução dos mesmos. «Nô Pintcha» daria assim a sua contribuição para a formação do Homem Novo que o nosso saudoso líder Amílcar Cabral desejou que nascesse nas nossas terras da Guiné e de Cabo Verde.

Não vamos aqui falar das inúmeras dificuldades que se nos depararam na realização desta ideia um tanto ambiciosa, até porque ultrapassar dificuldades é o pão nosso de cada dia neste jovem Estado. Mas não podemos deixar de dizer que o corpo dirigente, redactorial e de oficinas, realizou um trabalho apreciável na criação e aperfeiçoamento constante de «Nô Pintcha», que, cremos, responde hoje às exigências do nosso Partido e do nosso Estado na grande batalha para a Reconstrução Nacional ainda que possa melhorar bastante com o esforço de todos os seus trabalhadores e também do nosso Partido, Governo e Povo em geral, que também deverão dar um contributo maior para que a nossa Informação cumpra cada vez melhor as suas funções.

Queremos também nesta ocasião saudar o esforço dos jornalistas portugueses da redacção do «Nô Pintcha» cujo trabalho não só jornalístico mas também pedagógico contribuiu grandemente para a existência e avanço desse órgão de Informação.

Para a frente camaradas! Vamos fazer um «Nô Pintcha» cada vez melhor, vamos desenvolver uma informação cada vez melhor ao serviço do nosso Povo, do nosso Partido e do nosso Estado.

MANUEL DOS SANTOS
Comissário de Informação

"ESTAMOS A FAZER TUDO PARA QUE CADA UM LIBERTE A SUA ENERGIA E SEJA CAPAZ DE A UTILIZAR CORRECTAMENTE"

■ ENTREVISTA COM O CAMARADA PEDRO PIRES

«Estamos a agir para que toda a nossa população compreenda que o esforço fundamental para garantir e consolidar a nossa independência tem que vir de nós mesmos, que devemos todos tomar consciência da necessidade de trabalhar, de comportar-nos e agir como pessoas independentes. Isso significa que não pode-

mos ficar indiferentes a nada do que aconteça na nossa terra».

Esta declaração do camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro do Governo da República irmã de Cabo Verde, confiada aos órgãos da Informação da Guiné-Bissau que acompanharam a recente visita do camarada Presidente do Conselho de Estado,

sintetiza a actividade política que os camaradas do PAIGC vêm desenvolvendo no arquipélago, como vanguarda do povo e força orientadora do Governo. Resume também o que aquele camarada membro do Comité Executivo da Luta nos falou sobre as perspectivas que se oferecem ao jovem país irmão, onde se nota, de momento, uma grande mobilização popular em torno dos objectivos fixados pelo Partido.

Havíamos solicitado a entrevista ao camarada Pedro Pires

(Continua na Pág.ª 3)

CONTRA A SABOTAGEM ECONÓMICA:

TRAFICANTES ESTRANGEIROS PUNIDOS SEVERAMENTE

Seis indivíduos de nacionalidade libanesa foram severamente punidos por tentativa de exportação de moedas da Guiné-Bissau, segundo revela um comunicado dos Comissários de Estado da Justiça e da Segurança Nacional e Ordem Pública, distribuído ontem aos órgãos de Informação.

Maron Saad, Sami Maron Saad, Eugénie Yunes, Adib Namour, Braima Omais e Farat Kamel tentaram mandar para fora do território nacional grande quantidade de moedas de 20\$00 e de 10\$00, ainda em curso no nosso país, no valor total de 150 250\$00, com finalidade de as venderem a peso no Senegal.

Trata-se de um acto gravemente atentatório da nossa soberania e da nossa independência nacional que, por isso, não poderia ser tratado com benevolência. Recordamos, aliás, que na sua comunicação pública de 28 de Fevereiro passado, ao anunciar a criação da moeda nacional, o Pre-

sidente Luiz Cabral, a título de aviso, disse que todos os estrangeiros que não respeitarem o nosso desejo de progresso e independência, devem arrumar a sua bagagem e seguir o seu caminho, porque nós não os queremos aqui.

Atendendo a que o crime praticado, na presente conjuntura, se reveste de um significado muito especial para a economia do nosso País, foi decidido expulsar aqueles indivíduos do território nacional e confiscar os seus bens.

Maron Saad, seu filho Sami Maron Saad e Eugénie Yunes beneficiam no entanto, de suspensão da pena de expulsão, atendendo à sua já longa permanência no nosso País. A aplicação da pena fica condicionada ao seu comportamento futuro.

Os bens pertencentes a estes três indivíduos não lhes serão confiscados, mas, em contrapartida, são-lhes aplicadas multas que vão de 32 mil a 208 500 pesos.

"NÔ PINTCHA": 1.º ANIVERSÁRIO

Na altura em que este número do «Nô Pintcha» sai para a rua, acabamos de completar um ano de trabalho, ao serviço da informação e formação dos nossos leitores.

O nosso primeiro aniversário é assinalado com uma exposição subordinada ao tema «Um Ano no Mundo», que o camarada Presidente Luiz Cabral inaugura esta tarde, às 18 horas, no Comissariado de Estado da Informação e Turismo.

Esta exposição, que constitui uma retrospectiva do nosso trabalho ao longo de um ano, ficará patente ao público durante uma semana, no rés-do-chão do nosso Comissariado, a partir de domingo às 18 horas.

COOPERAÇÃO

Cinco acordos de cooperação foram já assinados entre o nosso Governo e uma delegação da SIDA sueca, que se encontra no nosso País para negociar a aplicação de uma ajuda financeira no valor de 60 milhões de coroas suecas. (Página 2).

CREDENCIAIS

O embaixador do Canadá no nosso País, André Gil Cuvrette apresentou ontem as suas cartas credenciais ao camarada Presidente Luiz Cabral, numa cerimónia realizada no Palácio da República. (Página 2).

A GUINÉ-BISSAU REPRESENTADA NO FUNERAL DE MAFORY BANGOURA

Em representação do Presidente do Conselho de Estado, deslocou-se ontem a Conakry a camarada Lucette Cabral, esposa do camarada Presidente, a fim de participar no funeral de Mafory Bangourá, ministro guineense dos Assuntos Sociais e presidente da União das Mulheres da Guiné, que faleceu na passada terça-feira.

A camarada Lucette Cabral era acompanhada por uma delegação do nosso Partido e estado formada pelos Camaradas Armando Ramos membro

do C.S.L. do Partido e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato e Joseph Turpin, membro do C.S.L. e secretário-geral do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Ao mesmo tempo, e com o mesmo objectivo, deslocou-se também à capital guineense uma delegação da Comissão Feminina do PAIGC, constituída pelas camaradas Francisca Pereira, Teodora Inácia Gomes, Esperança Furtado, Maria Antónia Teixeira e Clara.

As duas delegações, regressaram a Bissau ao fim da tarde do mesmo dia.



Dirigentes do Partido na R.D.A.

A fim de frequentar um curso de administradores de empresas, seguiu na quinta-feira para a República Democrática da Alemanha uma delegação do nosso Partido e Estado, chefiada pelo camarada Tiago Aleluia Lopes, membro do Comité Executivo da Luta e responsável pela Organização do Partido na Região de Bissau.

Fazem parte da delegação o camarada João da Silva, membro do CSL e director da empresa mista de pesca guineense-soviética «Estrela do Mar» e vários camaradas ligados a diversos departamentos do Estado.

A duração do curso é de 45 dias.

Antes da partida, toda a delegação se reuniu com o camarada Vasco Cabral, comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação.

Delegação sueca discute com o Governo a aplicação de um auxílio de 60 milhões de coroas

Encontra-se no nosso país, em contacto com os responsáveis dos diversos Comissariados de Estado, uma delegação da SIDA sueca, que vem concretizar a aplicação das normas de cooperação anteriormente acordadas entre o Governo da Guiné-Bissau e o Governo da Suécia.

A delegação sueca é composta pelos senhores Patrick Engualan e Gote Magnusson. A referida delegação teve uma reunião com uma delegação do nosso Estado, chefiada pelo camarada Vasco Cabral, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado de Desenvolvimento Económico e Planificação, da qual faziam parte os camaradas Armando Ramos, membro do Conselho

Superior da Luta do Partido e Comissário de Estado de Comércio e Artesanato, Fernando Fortes, Comissário de Estado dos Correios e Telecomunicações, Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, Filinto Vaz Martins, Comissário de Estado da Energia Indústria e Hidráulica, Manuel Boal, secretário-geral do Comissariado de Estado dos Assuntos Sociais, Mussa Djassi, director-geral da Indústria, Luiz Cândido, do Departamento Estatístico do Comissariado de Agricultura e Pecuária, Mário Ribeiro, director-geral de Transportes, padre Francisco Macedo, Conselheiro do Comissariado de Educação Nacional e Cultura, e Manuel

Rodrigues, conselheiro técnico do Comissariado dos Correios e Telecomunicações.

A reunião destina-se a concretizar a ajuda que a Suécia nos concedeu, no valor de 39 000 000 PG. A ajuda destina-se à compra de artigos suecos, a projectos de desenvolvimento económico, à abertura de oito fábricas, à construção de um laboratório médico-cirúrgico e ao pagamento da permanência de vários técnicos estrangeiros no nosso país.

No âmbito destas conversações, foram já assinados cinco acordos especiais, nos domínios da Energia, Telecomunicações, Transportes, Educação, Saúde e projectos industriais.

Nos fins de Abril, chegará uma nova delegação daquele país à nossa terra, que virá discutir com o nosso Governo quais os artigos que vamos comprar no mercado sueco. Além disso a Suécia, oferece-nos um donativo em conserva de peixe e puré de farinha, destinado à alimentação das crianças das escolas.

RESPONDE O POVO

O que mais gostaria de ver publicado no «Nô Pintcha»?

Ao fim de um ano de actividade informativa e formativa, é tempo de fazermos um balanço crítico do nosso trabalho. Mas esse esforço seria incompleto se não colhêssemos as opiniões daqueles a quem, em última análise, se destina o produto que fabricamos: os leitores. Assim, esta secção, que tem servido para a população expressar as suas ideias sobre os mais variados aspectos da vida quotidiana, permite hoje a três leitores criticar o próprio «Nô Pintcha». Resta-nos dizer que o espaço crítico não fica fechado nestas três colunas: através dos meios que estiverem ao vosso alcance, podem e devem continuar a expor as vossas críticas sobre o nosso trabalho. O interesse é nosso... e vosso!

ALBERTO LUIZ MENDES
(Professor do CIPES)

«Em primeiro lugar, falando de assuntos internos, gostaria que o «Nô Pintcha» continuasse a desvendar a realidade das regiões mais longínquas da nossa terra que cá em Bissau têm passado um pouco despercebidas.»

«Quero referir também, com absoluta satisfação, a página que agora estão a dispençar a Educação, havendo ainda outros assuntos de grande importância

como os textos de «Cabral» e estas três colunas que são dispensadas à opinião popular. Mas ligada à educação encontra-se a saúde pública: Que tal se lhe dispensassem também uma página semanal?...»

«É notório o grande esforço que o «Nô Pintcha» tem dispensado para arranjar fontes de informação estrangeira, cuja cobertura tem sido muito interessante. Mas há necessidade de serem publicados mais notícias do estrangeiro.»

JAIME DJALÓ

(militante de JAAC)

«Tenho notado, desde o início, um progressivo melhoramento do nosso único jornal. Com as dificuldades enormes que sempre existiram, há casos muito importantes dentro do conteúdo do «Nô Pintcha» que merecem ser realçados: o texto de Amílcar Cabral, documento importantíssimo, capaz de chegar às mães do povo por este meio. Podemos também salientar a cobertura dos casos internacionais de grande importância para a nossa vida como é o de Angola, e muitos outros.

De negativo, quero apontar a falta de notícias de fora de África, importantíssimo. Há também

muitos casos da evolução interna que passam despercebidos. É o que acontece com a organização das mulheres, e a JAAC, por exemplo: é-lhe dada pouca cobertura; quando muito, uns pequenos tópicos lançados num cantinho.

Uma cobertura pormenorizada do evolução material do nosso país traria mais escolarizados os impacientes que querem ver construído de um dia para o outro o progresso de que falam os nossos dirigentes.

FERNANDO J. BATISTA
(Operador de Rádio)

«O conteúdo que o jornal «Nô Pintcha» tem vindo a trazer, é importantíssimo. Mas, há também um aspecto que julgo ser muito importante, o da publicidade comercial que tem tido pouca afluência a este jornal.

«Quando falo de publicidade comercial, estou a referir-me tanto ao comércio privado, como aos Armazéns do Povo: porque a existência de muitos produtos de grande importância não chega com a devida rapidez ao conhecimento do povo.

«A sua publicação não só traria vantagens no aspecto de informação pública, como também contribuiria para dar mais vida ao jornal e ajudar o seu auto-financiamento.»

Credenciais do Embaixador canadiano

O Presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral, recebeu as cartas credenciais do embaixador de Canadá no nosso País, André Gil Cuvrette.

A cerimónia decorreu na tarde de ontem, no salão «Abel Djassi» do Palácio da República.

Estiveram presentes vários membros do nosso Partido e Estado, nomeadamente os camaradas Francisco Mendes, do Secretariado Permanente do CEL e Comissário Principal, Vítor Saúde Maria, Comissário dos Negócios Estrangeiros, Carlos Correia, Comissário das Finanças, ambos do Comité Executivo de Luta, Fernando Fortes, Comissário dos Correios e Telecomunicações e membros do nosso protocolo.

A acompanhar o embaixador do Canadá esteve presente o secretário da embaixada canadiana.

Rui Barreto na Serra Leoa

A fim de participar na Conferência dos Ministros Africanos do Trabalho, que se realiza na capital da Serra Leoa, segue hoje para Freetown, via Dakar, uma delegação do nosso Estado, chefiada pelo camarada Rui Barreto, Comissário de Estado da Administração Interna, Função Pública e Trabalho.

NO PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2450

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400000

6 meses 250000

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500000

6 meses 300000

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» — Rua António N' Bana, telefone 2520.

AMANHÃ — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

SEGUNDA-FEIRA — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2886/2887

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2800

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — Às 18,30 horas

— «3 SUPER-HOMENS NA SELVA»

— m/14 anos e às 20,45 horas —

— «MASCULINO E FEMININO» —

m/18 anos.

SEGUNDA-FEIRA — Filme a anunciar.

CABO VERDE

PRIMEIRO MINISTRO PEDRO PIRES

"O momento é de investir e não de colher frutos,"

(Continuação da 1.ª página)

porque nos faltava uma visão de conjunto dos problemas cabo-verdianos, que pudéssemos transmitir aos leitores de «NÔ PINTCHA», após a inolvidável viagem do camarada Presidente. Ao longo de uma hora e vinte minutos de conversa com a Informação, o camarada Pedro Pires traçou-nos essa visão de conjunto sobre a situação actual em Cabo Verde, as linhas gerais de orientação política, económica e social, os problemas mais agudos da actualidade e as perspectivas de Cabo Verde arrancar para a sua real independência política e económica.

Dada a extensão da exposição do camarada Pires, dividimo-la em duas partes. A primeira, que hoje se publica, aborda as questões gerais subjacentes à actividade política, económica e social e os seus reflexos em diversos ramos da vida caboverdiana, nomeadamente na indústria, na pesca, na construção civil, na assistência social e na educação.

Na segunda parte da entrevista, que publicaremos noutra edição, o camarada Pedro Pires debruça-se, mais em pormenor, sobre questões específicas fundamentais em Cabo Verde. Por exemplo: o elevado desemprego em S. Vicente, a influência da chuva na produção agrícola deste ano, e a reconversão do «apoio» para trabalhos produtivos.

«CONFIANÇA E ENTUSIASMO EM TUDO O QUE SE RELACIONA COM O PARTIDO»

O camarada Primeiro-Ministro do Governo de Cabo Verde começou por nos falar das transformações já sentidas na sociedade caboverdiana, após a independência:

«O espaço de oito meses depois da independência não é um

tempo necessário para poder apreciar grandes transformações. Mas parece-me que os camaradas tiveram a oportunidade de ver a grande manifestação da população da Praia no momento da chegada do camarada Luiz Cabral a Cabo Verde. Isso pode dar uma ideia da situação política na nossa terra e, embora todas as dificuldades que existem, verificamos confiança e entusiasmo da nossa população em relação a tudo que está ligado ao nosso Partido e às suas palavras de ordem. Parece-me que a primeira mudança política que houve na nossa terra é que nós somos um país independente, com um Governo constituído essencialmente por gente de Cabo Verde. Tudo isso tem o seu valor, principalmente psicológico. Porque há oito meses que nós estamos a trabalhar em Cabo Verde e a população de Cabo Verde pôde apreciar a política do nosso Governo ou, melhor, a prática política do PAIGC. Um aspecto importante da nossa independência é que o nosso povo sente-se dono de si próprio, porque hoje existem relações entre as pessoas, normas de convivência, diferentes das anteriores. Quer dizer: cada pessoa sente-se livre e o nosso povo, neste aspecto, perdeu os complexos e sente-se completamente livre. Isso é um aspecto fundamental da independência. Porque se formos ver o aspecto das relações humanas, o facto de um país ser independente, de serem os seus filhos a dirigirem, tudo, dá a sua população, ao seu povo, uma certa força».

«ESFORÇO IMENSO PARA CONSOLIDAR E ELEVAR A CONSCIÊNCIA POLÍTICA DA POPULAÇÃO»

— Como é que tem reagido a população às campanhas de mobilização do Partido? Nota-se adesão à linha do Partido, no-

meadamente por parte dos que não conheciam os objectivos do PAIGC?

«Quanto à organização do nosso Partido, temos estado a fazer um esforço imenso para consolidar e elevar a consciência política da população e dos nossos militantes porque a tendência é de pensar que depois da independência, de um dia para o outro aparece a solução de todos os problemas, que tudo é possível transformar com o mínimo de esforços. Nesse aspecto estamos a agir para que toda a nossa população compreenda que o esforço fundamental para garantir e consolidar a nossa independência tem que vir de nós mesmos, que devemos todos tomar consciência da necessidade de trabalhar, de comportar-se e agir como pessoas independentes. Isso significa que não podemos ser indiferentes a nada do que aconteça na nossa terra seja em que aspecto for, no aspecto político, económico, social e outros. Mas parece-me que apesar de todas as dificuldades, apesar de todas as provas pelas quais passámos neste pouco tempo, a solução encontrada pode, neste momento, dar à nossa gente uma certa confiança. Confiança que pode manifestar-se através de manifestações, como os camaradas tiveram a possibilidade de verificar, quer dizer desse entusiasmo popular que demonstra uma certa confiança em nós, no nosso Governo e no nosso Partido».

A ESTRATÉGIA DO DESENVOLVIMENTO

— Quais são as prioridades adoptadas para o desenvolvimento económico e qual a estratégia que está a ser seguida na economia caboverdiana?

Não é possível separar o que é político e o que é não político,

(Continua nas centrais)



Amílcar Cabral

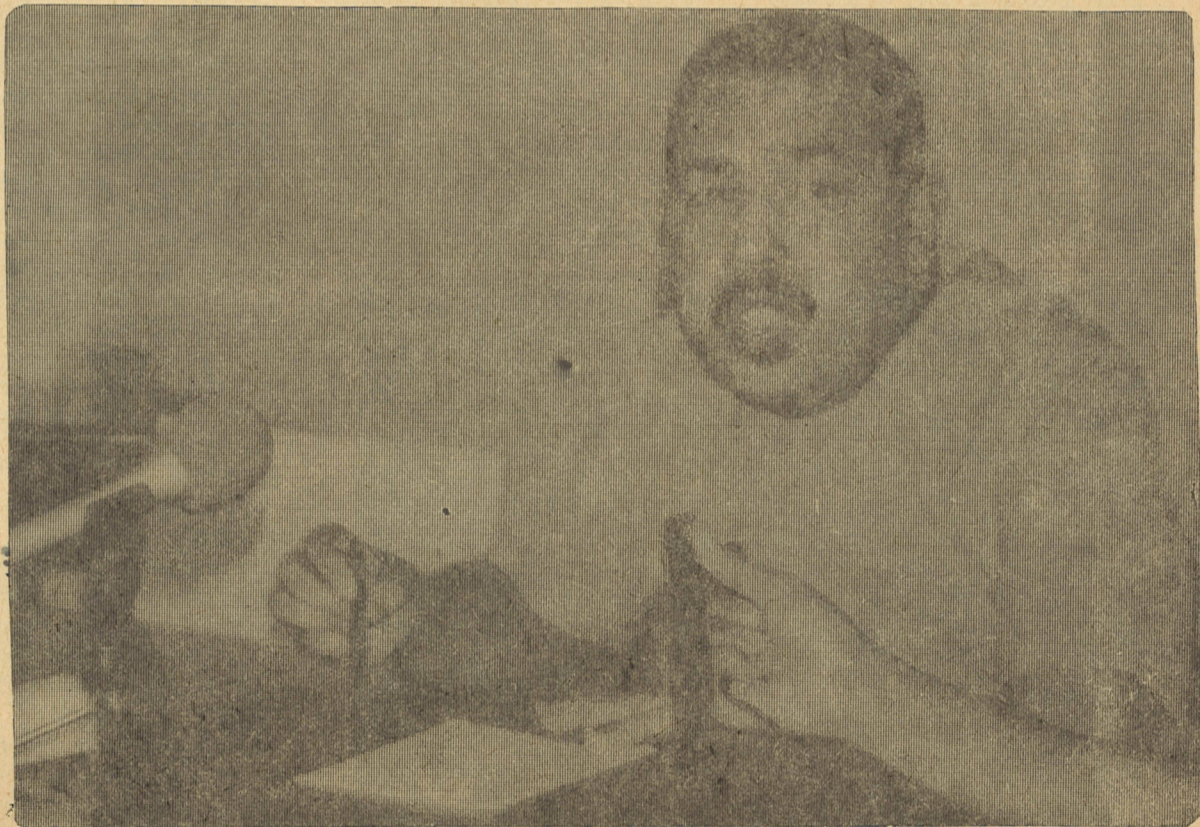
O trabalho político é fundamental na luta

«Nunca é demais dizer que o trabalho político é trabalho fundamental da nossa luta, tão fundamental que, como vos disse há pouco, cada tiro é um acto político também. Tão fundamental que, para o nosso Partido, os dirigentes da luta armada são dirigentes políticos. O Nino neste momento está a fazer esforços para cumprir um plano que eu fiz de ponta a ponta, depois de discutir com todos eles, para desenvolver um tipo de acção na nossa luta, através de uma operação. Ele é comandante-chefe dessa operação e é membro do Bureau Político do nosso Partido. Qualquer dirigente da nossa luta armada, como o Tchutchu ou o Bobô que estão aqui sentados, ou o Lúcio ou o Nandingna, ou outros que aqui estão, eles também são dirigentes do Partido, da Direcção Política do Partido, até alguns deles já foram membros dos Comitês do Partido em certa altura. Cabeças dos Comitês do Partido, ou simples membros do Comité Regional. Portanto nós sentimos que não fazemos distinção entre política e outras coisas, porque tratar da saúde da nossa gente, é política, ensinar a nossa gente é política, fornecer a nossa população tecidos e outras coisas para poderem melhorar a sua vida é política. Isso é que é política, camaradas. Dar tiros é política, trabalhar no plano Internacional é política. Mas dado que a nossa vida é complexa, com várias funções, há pessoas que têm um trabalho concreto, que é dedicarem-se ao trabalho político. Dirigidos pela Direcção Superior do Partido, dirigidos por diversos escalões da Direcção do Partido, os nossos Comissários Políticos têm funções de trabalho político, seja ao nível Inter-Regional ou de Zona, ajudado pelas brigadas políticas. Mas os Comitês de Partido devem fazer trabalho político, os Comitês da tabanca do Partido. Este é um órgão fundamentalmente político também».

«O trabalho político dos nossos Comissários políticos, como de todos aqueles que trabalham em política, ajudados por todos os outros responsáveis do Partido, de qualquer nível, é um trabalho que é decisivo para a nossa luta. Podemos derrotar os tucas em Buba ou em Bula, podemos entrar e tomar Bissau, mas se a nossa população não estiver politicamente bem formada, agarrada à luta como deve ser, perdemos a guerra, não a ganhamos. Por isso é fundamental que os nossos Comissários entendam isso claro, entendam a importância do seu trabalho, mas que todos os Comitês Inter-Regionais ou de Zonas, entendam a importância do seu trabalho, porque eles são os órgãos políticos do Partido, para trabalhar com a nossa gente. Seja membro de segurança, comissário político, responsável de saúde, instrução abastecimento, eles é que são a força política para agir cada dia, para melhorar o nosso trabalho».

«Claro que as vitórias das nossas Forças Armadas têm que reforçar o trabalho político. Por exemplo, alguns camaradas nossos procuraram conquistar a população fula das áreas entre Quirafo e Bangacia, mas quando essa gente ouve dizer que os tucas saíram de Madina Xaquila, mais fácil é fazê-la acreditar em nós. Portanto, vemos como é que as coisas se conjugam para ajudar sempre o trabalho político».

«O que é preciso, camaradas, é que nós membros do Comité Inter-Regional ou de Zona, sejamos capazes e dedicados ao nosso Partido. É preciso identificar-se totalmente com os interesses do nosso Partido. A primeira condição, para melhorarmos o nosso trabalho político é melhorar os nossos trabalhadores políticos. É fundamental que os nossos Comissários políticos, os nossos responsáveis de Milícia, da Segurança, da Saúde, da Instrução, tenham uma consciência bem elevada do seu trabalho».



O camarada Pedro Pires quando falava para o «Nô Pintcha»

COMANDANTE JACOB CAETANO, DO M.P.L.A.

A CONCP deve ser a vanguarda dos países progressistas

«Nós sabemos que África é o último bastião, que o imperialismo não largará assim tão facilmente. Para que a Revolução em África possa ser defendida, temos que ter uma organização política forte, ideologicamente formada, um exército moderno, equipado com meios modernos, também politizado e ideologicamente formado, porque só um soldado formado política e ideologicamente pode defender a causa porque se bate», declarou-nos o comandante Jacob Caetano, «Monstro Imortal», membro do Comité Central do MPLA, Chefe de Estado-Maior-Adjunto das FAPLA e membro do Conselho da Revolução, que fez parte da delegação do MPLA, que há pouco tempo visitou o nosso país acompanhando o camarada Presidente, Agostinho Neto.

«Vários camaradas me têm perguntado por que me chamam «Monstro Imortal». Não sei responder, é um nome sem qualquer significado. É devido, talvez, à minha participação na guerra desde 1961», começou por nos declarar, o camarada Jacob Caetano comandante das FAPLA quando lhe perguntámos o porquê de tal apelido.

A pergunta seguinte incidiu sobre a sua participação na guerra, primeiro, contra o colonialismo português, e agora contra as forças invasoras, tendo o camarada comandante descrito a sua biografia militar, como lhe chamou.

«A minha participação na guerra data de 1961, logo após o 4 de Fevereiro. Mas não participei nas primeiras acções em Luanda, onde teve início a acção militar, dado que me encontrava fora da cidade. No entanto, quando a onda da guerra atingiu a região onde estava, no Norte do país, pude imediatamente ingressar nas fileiras dos combatentes, onde comecei a participar como combatente. Dali, em 61, parti para Congo-Leopoldville, hoje Zaire, onde fui incorporado no grupo dos primeiros estudantes que deviam partir para o exterior».

«Fui alistado para a Escola Militar, com mais três camaradas, e partindo do Congo-Brazzaville até Conakry, onde apanhámos o avião para a Checoslováquia, tendo aí frequentado a Academia Militar. Em 62 voltei para Kinshasa, onde fui nomeado comandante do destacamento que se encontrava aquartelado num dos bairros de Kinshasa».

«Em 63 fui nomeado comandante, para dirigir uma coluna, que devia reforçar os destacamentos do Norte do país, coluna essa que não teve a sorte de chegar ao destino porque foi atacada por uma força muito importante da FNLA. Eu, e quatro camaradas conseguimos escapar; os restantes da unidade foram mortos».

«Em 66 fui outra vez nomeado para dirigir a coluna Cienguego, sempre com destino ao Norte. Esta coluna pôde alcançar o destino e, assim dirigi a Frente Norte como comandante durante cinco anos».

«Em 71 consegui sair outra vez para o exterior, clandestinamente, passando para Kinshasa. Esta minha saída tinha como objectivo contactar a Direcção Sul, e, com ela, estudarmos os meios e as vias para o reforço da Frente

Norte, que se encontrava bloqueada, uma vez que os militantes do MPLA não tinham actividade nenhuma no Zaire, dada a posição do Governo em relação ao MPLA. Assim como saí, não podendo voltar devido às dificuldades que não cessavam, muito relacionadas com a República do Zaire, fui nomeado comandante da 15.ª coluna em Cabinda e mais tarde responsável pelas operações da Frente de Cabinda».

«Em 74, fui nomeado chefe das operações do Estado-Maior Geral, numa conferência inter-regional que teve lugar no Leste do país. Neste mesmo ano fiz parte da primeira delegação do MPLA que partiu para Luanda, mas antes disso fui componente da delegação que teve conversações no Leste do país, com os representantes do Governo português de então. Só depois disto é que a nossa delegação pôde ir até Luanda».

«Fiz parte da delegação que teve que se deslocar a Alvor, às conversações com o Governo português e, regressámos a Luanda, onde em Novembro, começaram as hostilidades da FNLA, em relação ao nosso Movimento e aos nossos militantes».

«Em Fevereiro, é o início da guerra aberta em Angola contra a FNLA e a UNITA. Nestes últimos tempos, temos estado a prosseguir com as operações da defesa da Revolução e do povo angolano, contra os fantoches internos e contra o imperialismo internacional».

«Em suma, e dentro do princípio em que temos estado a estudar a maneira de reestruturar as FAPLA e os seus organismos, sou nomeado Chefe de Estado-Maior-Adjunto, cargo esse que exerço há quinze dias».

EXÉRCITO E PRODUÇÃO

«O trabalho das FAPLA ligado à produção é uma actividade que não está a ser exercida na sua profundidade, na medida em que estamos mais engajados directamente na guerra de resposta à agressão imperialista. Mas, na retaguarda, pode-se destacar toda uma actividade que se desenvolve na produção», disse-nos o camarada Jacob Caetano quando falava sobre trabalho das FAPLA, para além de braço armado do MPLA, ligado à produção e à educação.

«É assim prosseguir que na província do Cuanza-Sul as unidades das FAPLA controlam e dirigem determinadas unidades

de produção, muito especialmente a moagem do milho, do café, a fábrica de lacticínios. Também trabalham na pecuária, e participam no arranjo das pontes que foram destruídas pelo inimigo. Ainda há dias desenvolveram um grande trabalho na reconstrução de uma pista, em Cela, que tinha sido totalmente destruída pelo inimigo».

«No quadro da alfabetização, o sector das FAPLA está inclinado para a educação e instrução dos elementos que compõem as unidades das FAPLA, muito especialmente na instrução política e ideológica e também na aprendizagem do manejo do armamento sofisticado. Alguns camaradas militares são instrutores em determinadas escolas de pioneiros, outros são assistentes médicos, que participam no trabalho de tratamento a doentes. Isto passa-se em todas as frentes e esperamos desenvolver cada vez mais os nossos esforços no sector da produção e esperamos, uma vez que a guerra termine, constituir definitivamente uma secção da produção em todos os sectores das FAPLA».

COMBATE INTERNACIONALISTA

Como todos sabemos, em Angola, ao lado das FAPLA, combatem camaradas cubanos, que estão a pôr em prática o internacionalismo proletário, porque a agressão imperialista a Angola não é uma agressão isolada, é uma agressão que se insere dentro do quadro dos países progressistas africanos, países que na verdade defendem os interesses das massas trabalhadoras. Assim, é a mesma luta que se desenrola tanto na Ásia como na América Latina. Quisemos que o camarada Jacob nos fornecesse uma pequena visão do trabalho desenvolvido por esses camaradas cubanos, pela liberdade do povo angolano, que, na verdade é também a liberdade da Guiné-Bissau, de Cabo Verde, Moçambique e do próprio povo cubano. Declarou-nos:

«No combate armado que se tem desenrolado em Angola, não só participam com elementos das FAPLA, os camaradas cubanos,

como também ali se encontram camaradas da Guiné-Conakry e da Guiné-Bissau. Os camaradas cubanos, da Guiné-Bissau e da Guiné-Conakry têm manifestado o seu espírito de combate como se estivessem a combater na Guiné ou em Cuba, ou na República da Guiné. Daí que aquela frente se tenha tornado invulnerável, face precisamente às tentativas do imperialismo».

«Estes camaradas têm conosco uma colaboração e cooperação eficazes, o que vem mostra a adesão dos povos que disseram «não» ao imperialismo, na frente comum do combate contra o inimigo. Não há razão de queixa, na medida em que todos compreendemos que o único objectivo, que é o de combater e de derrubar o imperialismo, seja em que frente estivermos. É isso, que nós, elementos das FAPLA, sentiremos, na altura de partir para qualquer frente, para qualquer país onde se verificar uma agressão imperialista. Portanto, aprendemos bastante com os camaradas cubanos, os camaradas da Guiné-Bissau, os camaradas da Guiné-Conakry. Esperamos que o mesmo espírito que animou estes camaradas, que tiveram que deixar o seu país, para se juntarem a nós na luta contra a agressão, nos anime quando o nosso Partido, o nosso camarada Presidente, que é comandante-chefe das FAPLA, nos pedir. Saberemos mostrar ao camarada Presidente, ao Partido, que merecemos participar em qualquer frente de combate».

«É também de salientar, que foi graças à presença destes camaradas que o nosso combate em Angola se tornou fácil. Mas esperamos que este recuo imperialista não vai ser definitivo; outras tentativas serão feitas, outras armas serão utilizadas. Ele perdeu o combate precisamente face à resposta armada das FAPLA e do povo angolano, mas outros meios serão ainda utilizados. Irão ao ponto de usar a infiltração e usar a diversão no quadro da eliminação física de determinados dirigentes. Daí o dizemos que a luta continua e, que nós combatentes das FAPLA,

saberemos responder às agressões imperialistas.

O POVO EM ARMAS

«Tínhamos interesse em saber como se processou a expulsão dos bandos da UPA/FNLA, UNITA, dos sul-africanos, dos mercenários europeus que se encontravam em Angola. Eles opuseram alguma resistência? Interessaria-nos saber também qual a situação militar geral em Angola e se, principalmente em Luanda, o povo corresponde ao esforço que lhe é pedido?»

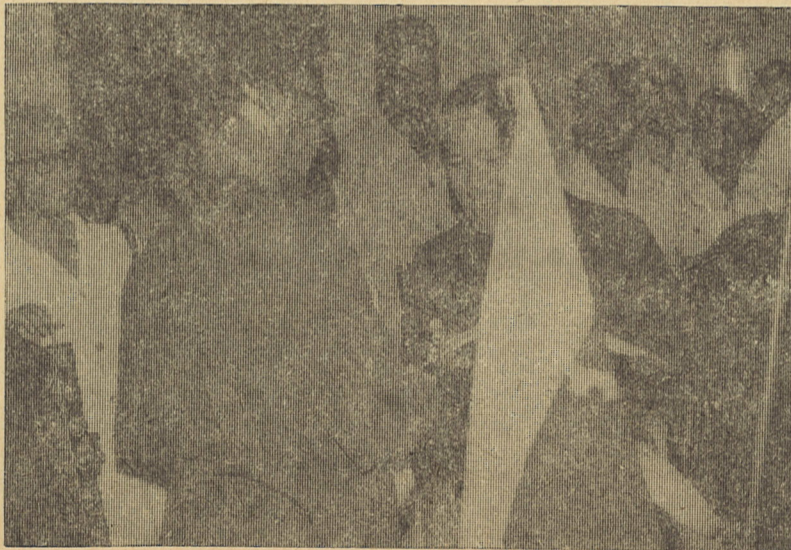
«Antes de 11 de Novembro, sofreremos uma ofensiva de grande envergadura pela parte das forças reaccionárias, pois os meios que eles utilizaram não correspondiam aos nossos. Nós estávamos ainda muito débeis, no contexto especial da artilharia. Não tínhamos praticamente nenhum blindado equipado de canhão, não tínhamos nenhuma artilharia de longo alcance... Eles chegaram a utilizar a aviação para bombardear Luanda, o que fizeram por duas vezes.

«Só na Frente Norte, chegaram a estar a 25 quilómetros de Luanda. Os camaradas ouviram falar da grande batalha de Quifangondo, em que a artilharia da reacção conseguiu fazer fogo contra a cidade de Luanda. Foi então que recebemos grande «stock» de armamento. Na parte Sul, a África do Sul invadiu com 150 blindados, com artilharia de longo alcance, que são os canhões-140, utilizou helicópteros, aviões de observação e, foi então que preparámos a defensiva. Defensiva essa que tinha duas fases: a de reforçar a linha de defesa e preparar na retaguarda a ofensiva».

«Em Janeiro começámos a ofensiva, que foi para o inimigo uma surpresa que não lhe permitiu manter-se na ofensiva. A ofensiva obrigou-o a um recuo constante, sistemático, em que foi abandonando material de guerra e milhares de toneladas de armamento, deixando cadáveres no terreno, efectuando deserções em massa. Só na Frente de Negage, por exemplo, as FAPLA conseguiram fazer 1 600 prisioneiros. Os mercenários também se enganaram; cultivavam o mito daquilo que tinham conseguido fazer no Zaire, daquilo que fizeram na Nigéria. No entanto, já tínhamos essas experiências, e, conseguimos, com a população, expulsá-los e fazer prisioneiros».

«Quanto à participação das populações no combate, elas agiram segundo a palavra de ordem do nosso Partido: «cada cidadão deve sentir-se necessariamente um soldado». Determinados mercenários foram feitos prisioneiros pelas populações».

«É de salientar a participação activa do pioneiro. Na última viagem que fiz, para participar na libertação de Serpa Pinto, consegui encontrar numa cidade,



Encontro do Presidente Luiz Cabral com a delegação angolana

na África

que fica muito ao Sul do nosso país a mais de mil e tal quilómetros de Luanda, pioneiros que, conjuntamente com os soldados das FAPLA conseguiram ir até Serpa Pinto, — pioneiros com os seus doze anos —, tendo preferido andar por cima dos blindados, com a sua arma de pau, arma que o nosso pioneiro confeccionou. Eles tiveram uma actuação muito preciosa, muito em especial no quadro da informação, das prisões do inimigo, na colocação de engenheiros explosivos... Destaca-se, por exemplo, a actuação dos pioneiros em Benguela, que, com as suas armas, fizeram com que a UNITA e a FNLA andassem aos tiros. Foi uma diversão dos próprios pioneiros, que provocou os combates entre aqueles grupos, na cidade de Benguela. Vemos que, de uma maneira geral, no combate contra o imperialismo em Angola, não só participaram as FAPLA, como participou todo o povo».

A IMPORTÂNCIA DA CONCP

— Qual é actualmente a situação em Angola, do ponto de vista da reconstrução nacional?

«A situação, de uma maneira geral, retoma a sua normalidade. A produção reafirma-se, a reconstrução faz-se em todos os sectores. Registaram-se em Angola grandes destruições, não só em pontes, mas também em casas, porque o inimigo não hesitou em utilizar, mesmo na cidade, a artilharia. As escolas vão reabrir, já no mês que vem, em todas as zonas».

«Hoje, resta-nos libertar o último ponto, que é o triângulo do Sul. Triângulo que é de Pereira de Eça, Xitato e uma posição ao Norte, junto à fronteira com a Namíbia, onde ainda resta os elementos da África do Sul. Acho que o país está libertado por toda a parte. Urge agora reanimar a vida da Nação. Não obstante alguns elementos que nós chamamos bandidos, que cometeram crimes graves contra o povo, ainda se encontrarem fugidos, porque conseguiram escapar. Mas, está já montado uma acção em sua perseguição».

«Em suma, a situação está normalizada no país».

A CONCP foi o tema a seguir focado. O que se pensa no quadro da CONCP e, de uma maneira mais alargada, em relação aos países progressistas africanos, numa frente contra as agressões imperialistas. «A CONCP tem que ser a vanguarda de direcção», disse-nos a dado passo, o camarada Jacob Caetano.

«Nós pensamos na constituição de uma frente ampla, progressista, daqueles países progressistas em África, e pensamos que a CONCP tem de ser o baluarte da manutenção desta formação. A CONCP tem que ser

(Continua na página 6)

PRIMEIRO-MINISTRO DE CABO VERDE

« O nosso povo sente-se dono de si próprio porque existem relações entre as pessoas diferentes das anteriores »

(Continuação da pág. 3)

porque no fundo a política é a concentração de tudo. Se falarmos de problemas políticos vemos que estão ligados aos económicos e ao sociais, que estão ligados à produção, ao ensino. Porque qualquer resultado, qualquer transformação, tem que ter um reflexo sob o aspecto político, porque reage sob o estado de ânimo das pessoas».

«No aspecto económico temos várias coisas, desde um esboço ou uma tentativa de encontrar um programa de desenvolvimento, até pequenas realizações concretas, passando pela agricultura e outras actividades. Verifica-se que o desenvolvimento industrial e económico de Cabo Verde é quase nulo: portanto, a sua transformação também tem que ser lenta».

«Para já, à vista desarmada, Cabo Verde parece um país pobre, portanto desperta um interesse económico bastante reduzido. O facto mesmo de ser um país pobre, leva-nos a ter que fazer um trabalho intenso quer para elaborar um programa de desenvolvimento económico, quer para conseguir meios económicos que podiam ajudar-nos no desenvolvimento. Neste momento estamos em contacto com muita gente, seja a nível de discussão bilateral de Estados, seja a nível, também, de discussão com empresas e instituições que estão interessadas em colaborar com o Governo de Cabo Verde. Ainda não podemos dizer que temos um plano concreto, ou que nós temos coisas já bem estabelecidas, definitivas. Por enquanto isso não é possível. São necessárias negociações, são necessárias discussões, são necessários planos, são necessários fundos. É um processo bastante lento. Mas, no entanto, nós temos contactos com vários Governos e recebemos aqui em Cabo Verde delegações de vários países».

«Nós também temos feito deslocações a vários países a fim de discutir possibilidades de cooperação. Podemos dizer que neste aspecto existem perspectivas razoáveis, quer dizer que pensamos que, dentro de pouco tempo será possível começarmos a fazer algumas realizações. Deve ser do conhecimento dos camaradas que nós estamos em discussão com algumas empresas para a construção em Cabo Verde de uma fábrica de cimento. Este é um projecto que, a realizar-se, pode vir a ser de bastante interesse para a nossa economia, porque permitir-nos-ia exportar uma quantidade suficiente que se converteria a favor da nossa economia, permitindo-nos conseguir meios de investimento. Mas mais do que isso permitir-nos-ia desenvolver a nossa indústria de construção».

NECESSIDADES IMEDIATAS E NECESSIDADES DE DESENVOLVIMENTO

«Além do problema do desenvolvimento económico de Cabo Verde existe o problema de desemprego. Temos que pensar de duas maneiras: por um lado, encontrar um plano de desenvolvimento que, geralmente, é um plano a médio e longo prazo, porque não é possível realizar um desenvolvimento económico a curto prazo; mas ao mesmo tempo, temos que fazer um esforço para encontrar uma solução para o problema do desemprego actual. Estes são dois problemas que não podemos nunca ignorar».

«Damos uma grande atenção ao desenvolvimento local, quer dizer à realização de pequenas obras ao nível local que poderão garantir-nos um número necessário de empregos e, ao mesmo tempo, fazer um esforço para encontrar uma solução, temos

«Para resolver os problemas da economia de Cabo Verde, que são bastantes complexos, para encontrar uma solução temos que balançar entre necessidades imediatas e necessidades do desenvolvimento, que é a solução dos problemas a longo prazo. Isso nós temos que ter sempre em consideração. Mas mesmo assim, ao nível de pequenas realizações, ao nível de desenvolvimento local, pensamos mobilizar energias, possibilidades locais, para esse desenvolvimento, sobretudo lançando alguns impostos suplementares, pequenos, de valor mínimo, mas que significam uma certa acumulação. Poder-se-á então, desencadear um processo de construções ou de outras realizações que servirão de base na luta contra o desemprego. Estamos a fazer um esforço para dar atenção à indústria de construção, é nesse aspecto que criámos uma sociedade estatal de construção, quer dizer Empresa Estatal de Construção, que vai permitir-nos orientar e dinamizar a indústria de construção. Essa indústria de construção permite-nos conseguir um certo número de postos de trabalho. E é válida, também, porque a nossa indústria de pescaria económica e social em Cabo Verde onde existe um número grande de emigrantes, onde existe gente com uma certa poupança. Queremos também estimular e desencadear a utilização das poupanças existentes. Com essas poupanças existentes é possível criar empregos de uma maneira racional e produtiva, ou de um maneira que tem interesse para o país».

PESCA: AINDA POR RESOLVER OS PROBLEMAS DE BASE

«Outro aspecto que toda a gente esperava viesse a ter gran-

de influência na nossa economia era a pesca. Mas não conseguimos ainda resolver os problemas de base para lançarmos para a frente a nossa indústria de pesca, mesmo no aspecto rudimentar. Temos encontrado dificuldades, sobretudo de mercado, porque a nossa indústria de pesca estava ligada a Portugal e sabe-se que a economia portuguesa está em crise e nós sofremos indirectamente o efeito dessa crise, na nossa indústria de pesca, seja por uma questão de mercado, que os produtos hoje são mais caros mas também mais raros, seja por uma questão de colocação do nosso produto no exterior».

«Nós não conseguimos mesmo com uma certa democratização na gestão de empresas, não conseguimos que essa gestão seja eficaz e põe-se-nos o problema de dar eficácia à gestão de certas pequenas empresas que nós temos. Esse problema é muito importante e temos que encontrar uma solução já. Pensamos nele mas temos limitações de quadros, temos dificuldades».

«Esta primeira fase é uma fase que podemos considerar como experimental. Nessa fase experimental nós já temos ideia das possibilidades mas também ideia das limitações. Portanto temos que encontrar uma solução para estabelecer relações justas, relações humanas mas ao mesmo tempo temos que procurar a eficácia. Porque um país que se tornou independente tem que querer construir, tem que querer avançar para diante, não pode pensar em muita democracia, não pode pensar em muitas coisas que podem atrasar a sua produção, deve pensar especialmente na sua produção. Porque se não caí-se num perigo da própria democracia, das próprias realizações, serem destruídas por incapacidade de gestão, quer dizer por incapacidade de direcção económica. Isto é um problema sobre o qual toda a gente tem que ter uma noção. Porque não podemos na nossa situação pensar só nas relações democráticas, nas relações justas, nas relações de produção mais justas mas devemos procurar eficácia. Porque o desenvolvimento económico é a base para o melhoramento da democracia».

«Quer dizer: são duas coisas que têm ligação dialética, o desenvolvimento da democracia e desenvolvimento económico. E nós temos que controlar, para um, não vir sobrepor-se ao outro, não vir destruir o outro. Isso é uma necessidade que nós temos neste momento e que nós reconhecemos».

AGRICULTURA

— Que trabalho tem estado a desenvolver-se na agricultura?

«No domínio da agricultura,

que é um aspecto fundamental, pensamos que embora a nossa terra não tenha vocação agrícola, por causa mesmo da limitação de água, devemos dar uma importância extraordinária à nossa agricultura. Porque pelos conhecimentos que temos, por aquilo que podemos verificar, embora não sejamos especialistas, a nossa agricultura tem possibilidades enormes ainda a desenvolver. Seja no aumento de áreas cultivadas no domínio de regadio, mas seja também no melhor aproveitamento da água. Temos grande necessidade de aproveitar rapidamente a 100 por cento, ou pelo menos a 90 por cento a disponibilidade da água, mas também aproveitar melhor as possibilidades que há de terreno».

«Verifica-se neste domínio uma certa tendência para a paragem, um certo efeito de rotina sob certas pessoas, que é preciso de facto fazer um trabalho político para quebrar a rotina, para quebrar o espírito de resignação, de quebrar o espírito de falar e não fazer nada. Devemos fazer um esforço para desencadarmos um processo de realizações, quer dizer fazer pequenas coisas que o próprio agricultor, o próprio produtor pode realizar. Estas pequenas coisas resolvem, de imediato, alguns problemas, seja o aumento da produtividade do terreno, seja a utilização mais correcta da água, seja o aumento de infiltrações de água com pequenos diques etc. ...».

LIBERTAR AS ENERGIAS PRÓPRIAS

«Um aspecto fundamental hoje para nós é fazer com que cada um, sobretudo no campo, liberte a sua energia e seja capaz de a utilizar correctamente. Este é um aspecto importante mas também é um aspecto que está ligado directamente à libertação nacional. Não é possível pensarmos na libertação nacional sem libertarmos as nossas próprias cabeças, quer dizer se cada um não é livre».

«Temos que fazer um esforço para investir? Em Cabo Verde há para aumentar a nossa consciência, mas sobretudo meter na consciência de cada um, que ninguém deve ser indiferente ao ao que se passa em Cabo Verde. Porque toda a gente, e cada um, é responsável».

«A solução dos nossos problemas não se consegue nem com demagogia, nem com a anarquia, nem com o individualismo. É necessário que cada um de nós invista; mas a maioria de nós, vestir. O que é que nós temos para investir? Em Cabo Verde há um número reduzido de gente que é capaz de ter algum di-

(Continua na página 6)

ENTREVISTA DO CAMARADA PEDRO PIRES

(Continuação das centrais)

neiro, alguma economia para investir; mas a maioria de nós o que podemos investir é o nosso esforço físico, é o nosso trabalho, portanto é necessário que toda a gente compreenda que este Governo e este Estado tem por objectivo trabalhar para o povo de Cabo Verde, criar as condições para o povo de Cabo Verde se libertar, libertar-se sobretudo de exploração e também construir a sua felicidade, desenvolvendo-se e liquidando a exploração. Para isso, todos nós temos que investir nessa grande tarefa e cada um deve investir o que tem. Uns investem alguns pequenos meios que têm, mas os outros devem investir a sua energia, trabalhar a sério, têm que investir a sua energia porque quando ela produzir, não produz a favor de uma minoria, mas produz para os seus filhos. Portanto é necessário reconhecer que o momento é de investir e não o momento de recolher frutos, porque não temos nada investido para recolher. Torna-se necessário todo um trabalho nesse aspecto, um trabalho de formação, um trabalho de luta para o aumento da responsabilidade, para o aumento de produtividade mas sobretudo para o aumento de consciência política e de verificar as coisas tal como elas são.

São estes aspectos político-económicos com todas as suas implicações que tentámos aqui explicar».

«UM REGIME REACCIONÁRIO NÃO PODE FAZER POLÍTICA SOCIAL»

«Mas tem um aspecto que é o aspecto social do qual nós ainda não falámos. Aspecto social, toda a gente tem que compreender que social é consequência de dois aspectos, económico e político. Porque ninguém pode pretender fazer uma política social se não existe uma base económica correcta; mas um regime reaccionário também não pode fazer uma política social. Portanto está claro que o aspecto social depende do aspecto económico e político. Tudo isso tem que estar ligado, quer dizer que estão articulados um ao outro, não estão independentes um do outro».

«Recebemos ajuda de organismos internacionais e de países, directamente. Essa ajuda tem um reflexo directo sobre o aspecto social porque é utilizada em parte para resolver problemas sociais. Tais como a assistência aos desempregados, a assistência às pessoas que são incapazes, para assistir os jovens abandonados, para ajudar os pais de família e para criar condições para que

os alunos recebam algumas refeições nas nossas escolas. Parece-nos, no entanto que o nosso trabalho social tem que ser baseado sobretudo no desenvolvimento e no esforço de cada um».

«No aspecto da saúde temos mais ou menos uma ideia do que devemos fazer. Contactámos várias organizações, vários países amigos, temos promessas de ajuda em medicamentos, em assistência técnica. Isso vem possibilitar-nos dar melhor assistência à nossa população. Podemos dizer também que o regresso de certos jovens que terminaram o seu curso tem um efeito importante para melhor cobertura sanitária da nossa população. Mas temos necessidade de, outras realizações no domínio da saúde: construção de postos sanitários, construção de hospitais. Verifica-se que os hospitais existentes em Cabo Verde são bastantes antigos e nós temos feito um esforço para o melhor aproveitamento desses hospitais. No domínio de material técnico verifica-se que o material técnico que temos é bastante reduzido e por isso nós temos que fazer um esforço para conseguir material técnico seja através de compra ou seja através da ajuda que recebemos das organizações e de países amigos. Mas mais do que isso, temos estado a fazer um esforço no sentido de melhorar os nossos quadros existentes aqui em Cabo Verde. Mas continuámos a ter necessidade de técnicos de certos ramos fundamentais».

«APROVEITAR A PARTICIPAÇÃO DAS POPULAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS PRIMÁRIAS

«No domínio social há uma organização que tem desempenhado um papel importante que é o Instituto Caboverdiano de Solidariedade. Obtendo meios e realizando algumas construções e obras de carácter social e ajudando também todas as organizações sociais na solução dos problemas. Temos em construção várias creches, infantários, que dentro de pouco tempo devem resolver em parte alguns problemas. Já demos uns passos neste aspecto mesmo sem meios, criando alguns infantários que dão uma certa assistência às crianças em quase todos os concelhos de Cabo Verde. Temos também algumas instituições que já dão assistência a algumas crianças abandonadas. Pensamos alargar esta assistência para que estas instituições possam funcionar como escolas onde os jovens possam adquirir uma profissão. Nós devemos criar condições para darmos aos jovens das camadas sociais mais desfavorecidas uma profissão».

«No domínio da educação este ano o número de alunos aumentou grandemente e as escolas que tínhamos, as instalações que tínhamos hoje são insuficientes. A maioria dos professores que temos são de Cabo Verde. É verdade, que não têm a formação necessária, seja a formação uni-

versitária ou pedagógica».

«Mas no entanto devemos reparar que esse grupo de jovens fizeram um esforço, um esforço louvável para dar uma contribuição válida no domínio de educação. Na escola primária existem os mesmos problemas: falta de instalações. No domínio do liceu, temos contactado várias organizações e é possível que se encontre uma solução, para o problema existente na Praia e em São Vicente, que é o problema de instalações. Verifica-se hoje, e em especial na Ilha de São Tiago, um esforço da população no domínio de construir escolas sob a nossa orientação, porque as escolas têm que ter o mínimo de condições para que um aluno possa viver e estudar. Esta atitude é louvável, bastante correcta e para nós bastante animadora».

«Nos contactos que temos com a população, discutimos estes problemas, com os responsáveis administrativos e com os responsáveis da educação. Discutimos como aproveitar a participação da população na solução deste problema».

JACOB CAETANO

(Continuação das páginas centrais)

a vanguarda de direcção, porque nela estão as organizações ou os partidos, onde se encontram representados os dirigentes dos povos que fizeram a guerra armada. A CONCP terá que desempenhar um papel importante. Não pensamos só em possuir uma instituição política, um organismo político; pensamos também ter uma direcção de estudo e análise, senão mesmo aquilo a que devemos chamar uma direcção de guerra dos países progressistas. Pensamos alargar o sentido de contacto, de relações com outros países e partidos progressistas do mundo. Daí que para nós, a União Soviética e Cuba vão desempenhar um papel importante na defesa da Revolução em África. Nós sabemos que África é o último bastião, que o imperialismo não largará assim tão facilmente, e para que a Revolução em África possa ser defendida, tem que ter uma organização política forte, ideologicamente formada, um exército moderno, equipado com meios modernos, também politizado e ideologicamente formado, porque só um soldado formado política e ideologicamente pode defender a causa porque se bate. Foi esta formação política e ideológica, que fez com que os imperialistas recuassem em Angola».

João da Costa em Cuba

A convite do Governo Revolucionário de Cuba, seguiu para aquele país amigo o camarada João da Costa, Comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais.

Campeonato Nacional de Futebol

A contar para a 15.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, a n.º 2 da segunda volta, jogam hoje em Bissau, a partir das 21 horas, no Estádio «Lina Correia», as equipas de Sporting de Bissau e do Desportivo de Cantchungo.

Amanhã à tarde, no mesmo local, jogarão Udib-Bissorã. Nos restantes campos do interior teremos: Bafatá-Bolama, Farim-Ajuda Sport, Balantas-Benfica, Gabú-Ténis Clube-FARP e Udib-Sporting.

Em reservas, estão marcados para este fim de semana os jogos Ténis Clube-FARP e UDIB-Sporting. Em júniores: Sporting-Ténis e Benfica-Udib.

Pequenos Anúncios

DACTILÓGRAFOS E ASPIRANTES

Torna-se público que se encontra aberto concurso de provas escritas e práticas, para o preenchimento das vagas ainda existentes de dactilógrafos e aspirantes no Comissariado de Estado da Justiça.

Os candidatos deverão inscrever-se mediante requerimento, em papel comum de 25 linhas, dirigido ao Camarada Comissário de Estado da Justiça, até o dia 10 de Abril, próximo.

São admitidos os cidadãos de ambos os sexos, com idade não inferior a 18 anos e habilitações mínimas da 4.ª Classe de Instrução Primária.

Notas: Os indivíduos já inscritos no Comissariado de Estado da Justiça, deverão confirmar a sua inscrição no mesmo prazo.

EDITAL

Tendo-se habilitado a Camarada Inácia Fernandes Cardoso, na qualidade tutora da menor Filomena Maria Cabral, de 19 anos de idade, ao recebimento de Pensão de Sobrevivência e ao Subsídio de Luto deixados neste Montepio, pelo falecimento da sua filha Apolónia Cabral, sócia voluntária n.º 526, que foi empregada comercial, falecida nesta Cidade a 15 de Fevereiro passado, correm éditos de 30 (trinta) dias, a contar da sua publicação no Jornal «Nó Pintcha», convidando quaisquer outras pessoas que se julguem com direito ao referido benefício, a deduzirem esse direito dentro do citado prazo.

Findo este prazo será resolvida a pretensão.

AGRADECIMENTO

Alima Ferrage e filhos, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o funeral do seu marido e pai, tornando este agradecimento extensivo a quantos lhe manifestaram o seu pesar, não fazendo directamente por desconhecimento de endereços.

DOS LEITORES

Falta de condições para jogar futebol

Os jogadores do Futebol Clube de Tombali, de Catió, queixam-se amargamente das dificuldades que encontram para participar no Campeonato Nacional de Futebol, e particularmente da falta de meio de transporte adequado para as suas deslocações. Eis alguns extractos da carta colectiva que nos enviaram:

«Partimos de Catió por volta das 14 e 30, rumo a Enxudé. A viagem foi longa e cansativa, devido às más condições da estrada e aos ramos das árvores, que nos obrigam a viajar quatro horas de cabeça inclinada para baixo, o que provoca dores no pescoço aos nossos jogadores. Mas isso não se leva em conta; o que nos interessava era chegarmos a Enxudé e encontrarmos um meio de transporte que nos levasse a Bissau a fim de os nossos jogadores poderem repousar. Isso nunca aconteceu e muitas vezes os nossos jogadores têm de arriscar-se por canoa de «Nhomincas», obrigando o clube a pagar em cada viagem seiscentos escudos ou mais, o que é um grande perigo, porque muitas vidas estão sujeitas a perder-se naquele enorme rio.

«Acontece que muitas vezes chegamos com o azar de ter de esperar que o dono da canoa saia de Bissau, cheio de cansaço, mas com vontade de ganhar os seus seiscentos escudos ou mais.

«O que sobretudo nos levou a fazer esta crítica foi a dificuldade de que encontramos na obtenção de um meio de transporte que nos trouxesse de Bissau até Enxudé, porque lá tínhamos um carro à nossa espera, a fim de no outro dia a rapaziada ir trabalhar, visto que a maioria são trabalhadores da função pública. Perdemos dois dias de serviço só porque não encontramos meio de transporte até Enxudé, o que veio prejudicar o andamento do serviço, nesta fase da reconstrução nacional em que todos nós estamos empenhados.

«De quem seria a culpa? Da Marinha? Não! Porque o chefe dos Serviços da Marinha tem feito todo o esforço para nos aliviar de certas dificuldades. Onde recai, então, a culpa? No Comissariado de Estado da Juventude e Desportos, que não nos deu um mínimo de apoio desde que tomamos parte activa neste Campeonato Nacional de Futebol.

«Sem esse apoio, os jogadores chegarão ao fim do campeonato moribundos».

Prosseguem os combates no Líbano

BEIRUTE (TASS) — A situação continua tensa na capital libanesa e noutras regiões do país.

Em Beirute, depois dos confrontos encarniçados com os membros das Falanges, as forças nacionalistas patrióticas conseguiram desalojá-los do bairro do Hotel «Holiday Inn».

Duelos com tiros de artilharia e de morteiro registaram-se no arredor de Beirute. O palácio presidencial Baadba foi pilhado. Um violento incêndio de flagrou no porto danificando os depósitos de madeira, de celulose e de papel.

Segundo as informações da Imprensa, durante estes últimos dois dias registaram-se no Líbano 150 mortos e mais de 300 feridos. Ao mesmo tempo, as personalidades políticas e religiosas libanesas tiveram uma série de reuniões com o fim de estabelecer um entendimento sobre o cessar-fogo. A Imprensa indica que os meios governamentais e políticos examinam o plano de regularização da crise elaborado com a participação de mediadores sírios e prevendo o recomeço das actividades do governo de Rachid Karame, a adopção pelo Parlamento do projecto de lei sobre a amnistia dos militares que tinham deixado as suas unidades, uma modificação da Constituição permitindo a reeleição do Presidente seis meses antes do termo do seu mandato.

O plano prevê a eleição de um novo Presidente, reformas sociais e políticas, a normalização definitiva da situação no país.

CONDENAÇÃO DE ISRAEL NO CONSELHO DE SEGURANÇA

NOVA YORK (TASS) — Segundo o parecer dos representantes de numerosos países, que falaram frente ao Conselho de Segurança da ONU, a ocupação militar por Israel dos territórios dos países árabes, põe grandemente em perigo a paz e a segurança no Médio-Oriente. É uma violação dos princípios do respeito dos direitos do homem.

A ONU examina actualmente o problema das acções repressivas e das violações dos direitos do homem nos territórios árabes ocupados por Israel.

Abdel Kerim Al-Sheihly, representante permanente do Iraque nas Nações Unidas, sublinhou frente à assistência, que Israel devia evacuar urgentemente os territórios árabes ocupados e conformar-se com as resoluções do Conselho de

SETE PAÍSES RECONHECERAM O GOVERNO MILITAR ARGENTINO

BUENOS AIRES (TASS E AFP) — A Junta Militar, composta pelo comandante do Exército, Videla, comandante da Força Aérea, Agosti e o comandante da Marinha, Massera, não poder na Argentina a seguir a um golpe de estado, publicou «a acta sobre o processo da reorganização nacional» expondo as primeiras medidas políticas das novas autoridades militares. Os mandatos do presidente e dos governadores foram anulados. O Congresso e os Órgãos Legislativos provinciais foram dissolvidos, os membros do Tribunal Supremo e de outros órgãos judiciais foram demitidos, as actividades dos partidos políticos e dos sindicatos foram proibidas.

A censura dos meios de informação foi ordenada, os portos e os aeródromos foram fechados.

As Forças Armadas controlam todo o território do país, onde foram criados tribunais militares.

Reinava na noite de quarta para quinta-feira uma calma completa em toda a Argentina, a seguir ao golpe de estado militar que afastou do poder o regime peronista. Destacamentos armados patrulham a capital, onde a circulação automóvel foi diminuída, devido ao apelo da Junta, que pediu a limitação ao mínimo as deslocações, de noite.

Durante a noite, quatro cadeias de televisão governamental e os três emissores privados foram substituídos

pela Rádio Nacional para transmitir os comunicados da Junta.

Por seu lado, os novos dirigentes provinciais apelaram à população para se manter calma e para regressar às suas ocupações habituais. Afirmaram que garantiam a todos a liberdade de trabalho.

Sete países reconheceram na noite de quarta-feira o novo governo argentino, precisa-se em Buenos Aires: tra-

tam-se de Espanha, Malta, Perú, Uruguai, Equador, Brasil e Chile.

Por outro lado, a Junta Militar reafirmou num comunicado publicado na quarta-feira à tarde que respeitaria todas as obrigações resultantes dos acordos internacionais, assinados pela Argentina e que manteria relações «com todos os países do mundo que respeitem os princípios do Direito internacional».

A cimeira de Lusaka não conseguiu unir os nacionalistas rodesianos

LUSAKA (AFP) — A cimeira de Lusaka sobre a unificação do Movimento Nacionalista na Rodésia e a escalada da guerrilha contra o regime branco terminou anteontem sem que as duas tendências da ANC se tenham reunido.

A cimeira reuniu o presidente Julius Nyerere da Tanzânia, o presidente Samora Machel de Moçambique, sir Seretse Khama, presidente do Botswana, e o presidente zambiano Kenneth Kaunda, assim como os dois dirigentes das facções rivais da ANC, o bispo Abel Muzorewa e Joshua Nkomo.

Nkomo indicou aos jornalistas, antes de deixar Lusaka para Salisbury, que a questão da unificação da ANC não tinha sido evocada durante a cimeira. No que respeita aos resultados da reunião, o bispo Muzorewa disse, simplesmente:

«O que nós sabemos, é que prosseguiremos o mesmo objectivo, que é combater o nosso inimigo comum formando uma frente unida». O bispo acrescentou: «Nós estamos todos de acordo e pensamos que deve haver unidade, porque temos uma tarefa a concluir face à nação e examinamos seriamente esta questão. No passado estivemos simplesmente em desacordo no que respeita aos meios de regular a crise rodesiana, mas agora há uma vontade de unidade».

MERCENÁRIOS BRITÂNICOS

LUSAKA (TASS) — O regime rodesiano utiliza largamente os mercenários britânicos para as operações repressivas contra os patrio-

tas do Zimbábue. O jornal «Zambia Daily Mail» cita a declaração de um antigo mercenário que depois de ter sofrido o efeito dos ataques dos combatentes preferiu regressar ao seu país e mora actualmente em Cardiff.

Este homem declarou ao correspondente do jornal zambiano que tinha sido recrutado em Inglaterra e enviado para a Rodésia com 70 outros mercenários. Pouco depois da sua chegada à região das operações militares, dois mercenários foram mortos durante um confronto com os combatentes e dois outros foram vítimas de um erro de tiro cometido por um avião rodesiano.

O jornal «Times of Zambia» acusa o governo britânico de inactividade e de complacência para com os recrutadores de mercenários para os racistas rodesianos. Nenhuma medida mais foi tomada contra as companhias britânicas que não aplicam as sanções económicas decididas pela ONU acerca da Rodésia racista. Assim, carros britânicos «Centurion» aparecidos a alguns meses na Rodésia são largamente utilizados pelos racistas, indicou o jornal. As peças de substituição para estes carros, concedidas pela «Aviation Jersey» chegam a Rodésia via RSA, aliado mais próximo do regime Smith.

ANGOLA: RACISTAS RETIRAM-SE

CIDADE DO CABO (AFP) — A África do Sul, tendo recebido garantias da República Popular de Angola para a protecção do complexo hidroeléctrico do Cunene, decidiu retirar, todas as tropas estacionadas ainda em Angola, anunciou na quinta-feira no Parlamento da cidade do Cabo, o ministro sul-africano da Defesa, Piet Botha.

EDWARD KENNEDY PROGRESSISTA

WASHINGTON (TASS) — O senador Edward Kennedy convidou o governo americano a reconhecer a República Popular de Angola. Falando frente à Câmara Alta do Congresso, Edward Kennedy declarou que os Estados Unidos deviam estabelecer imediatamente relações diplomáticas com o governo legal de Angola.

Além disso, o senador preconizou o apoio activo à luta da população autóctone da Rodésia e a da República sul-africana contra o regime da minoria branca.

BOUMEDIENNE PEDE APOIO PARA MOÇAMBIQUE

ARGEL (AFP) — O Presidente Houari Boumediene, chefe de estado argelino, lançou na quarta-feira à tarde um apelo a todos os chefes de estado dos países não-alinhados para que «ajudem concretamente Moçambique, que fechou as suas fronteiras com a Rodésia racista e colonialista». A decisão de Moçambique em aplicar na íntegra as sanções económicas decididas pelas Nações Unidas contra a Rodésia a seguir à secessão entre o regime de Ian Smith e a Grã-Bretanha, «acelerará o processo de libertação do povo do Zimbábue (Rodésia), mas acarreta consequências particularmente pesadas para a economia e a segurança de Moçambique», declarou o presidente argelino.

O.N.U. VAI ASSISTIR MOÇAMBIQUE

MAPUTO (TASS) — «A sessão do Conselho de Segurança da ONU, que examinou os actos de agressão do regime rodesiano contra Moçambique, mostrou que a esmagadora maioria dos membros da ONU apoiam sem reservas a posição de Moçambique e estão solidários com a sua luta», declarou em Maputo, Joaquim Chissano, ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros no regresso de Nova-York. «O facto de o regime estar inteiramente isolado é uma vitória política da África independente», sublinhou. O ministro declarou que chegara a Maputo no princípio de Abril, uma missão da ONU para definir o programa de assistência económica, técnica e financeira a Moçambique, no quadro da decisão do governo moçambicano de fechar a fronteira com a Rodésia do Sul e de aplicar sanções ao governo racista de Smith.

P.C.P. APOIA GUERRILHA SUL-ÁFRICANA

LUSAKA (TASS) — «O Partido Comunista Português apoia resolutamente a luta armada dos povos do sul de África contra o vergonhoso sistema racista e o «apartheid», pela liberdade e independência», declarou Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PC Português durante uma breve escala em Lusaka, proveniente de Moçambique, para visitar a República Popular de Angola.

ALFABETIZAÇÃO NO VIETNAME DO SUL

HANÓI (TASS) — Luta-se, com sucesso, no Vietname do Sul, contra o analfabetismo herdado do regime fantoche saionês. Nos oito últimos meses, numa única região de Saigão 16.500 pessoas terminaram os seus cursos de alfabetização. Actualmente mais de 83.000 pessoas frequentam esses mesmos cursos. Os estudantes, os professores, os alunos das últimas classes são encarregados do ensino a título de colaboração.

Álvaro Cunhal avistou-se com Agostinho Neto

LUANDA (AFP) — Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português (PCP), que chegou a Luanda na passada quarta-feira à cabeça de uma delegação do PCP, encontrou-se com o Presidente Agostinho Neto, que dirigia uma delegação do MPLA, anunciou anteontem a agência oficial ANGOP em Luanda.

As conversações entre as duas delegações deviam prosseguir anteontem, quinta-feira, indicou a agência angolana, que precisou que um comunicado conjunto deverá ser publicado no fim das conversações que terminarão na tarde do mesmo dia.

O Secretário-Geral do Partido Comunista Português, que deve deixar Luanda no mesmo dia com destino a Lisboa, tinha efectuado uma visita a Moçambique antes de dirigir-se à capital da RPA.

A C.E.E. deseja a adesão de Angola e Moçambique à Convenção de Cooperação de Lomé

BRUXELAS (AFP) — Claude Cheysson, membro da Comissão do Mercado Comum, exprimiu, na sexta-feira, o desejo que Moçambique e Angola possam aderir brevemente à Convenção de Cooperação de Lomé.

Cheysson comentava no decorrer de uma conferência de Imprensa a entrada em vigor, no primeiro de Abril próximo, desta Convenção, assinada pelo Mercado Comum com 46 países de África, das Caraíbas e do Pacífico. Recordou que os Estados A.C.P. se tinham já pronunciado a favor de tal adesão.

Cheysson sublinhou que a vi-

zinhança da África do Sul e da Rodésia punha a Moçambique, particularmente, e a Angola, problemas económicos graves, com os quais a Europa devia preocupar-se. É por isso, considerou, que Moçambique e Angola têm interesse em diversificar as suas relações comerciais e em orientar-se para os vastos mercados que lhes oferece a Comunidade Europeia.

Cheysson anunciou, por outro lado, que S. Tomé e Príncipe, as Ilhas de Cabo Verde, Surinan e a Papuásia-Nova Guiné poderiam aderir brevemente à Convenção, o que acarretaria o aumento de

suporte financeiro do Fundo Europeu de Desenvolvimento, para não lesar os primeiros aderentes.

Em resposta a algumas perguntas, Cheysson precisou que era demasiado cedo para confirmar se os pedidos apresentados pelos países exportadores de madeiras tropicais e de couros e peles pelo mecanismo de estabilização das suas receitas de exportação reberariam o «plafond» das disponibilidades desta caixa (oitenta e quatro milhões de dólares por ano).

Mensagem de Agostinho Neto aos jornalistas de todo o mundo

Por intermédio da Organização Internacional dos Jornalistas, o Presidente do M.P.L.A. e da República Popular de Angola, camarada Agostinho Neto, dirigiu uma mensagem aos jornalistas do mundo inteiro.

«Aproveito esta ocasião para dirigir as minhas saudações a todos os jornalistas democráticos e progressistas do mundo inteiro, em nome do Governo da República Popular de Angola e do M.P.L.A., representantes reais do povo angolano», declara o dirigente angolano aos jornalistas.

Eu apelo a todos os jornalistas honestos, que defendam a verdade e a objectividade das informações relativas à luta heróica travada pelo nosso povo contra os intervencionistas e os bandos anti-imperialistas e contra-revolucionários», sublinha na sua mensagem o camarada Agostinho Neto, acentuando que «o povo angolano trava grandes batalhas vitoriosas pela conquista da sua verdadeira liberdade» e que, por isso, «a luta continua» e «a vitória é certa!».

A.N.G. Evoca 1.º aniversário do nosso jornal

A Agência Noticiosa da Guiné-Bissau (ANG) assinala no seu boletim trissemanal de ontem, a passagem do primeiro aniversário do «Nô Pintcha». Agradecendo a atenção daquela nossa colega de Informação, transcrevemos em seguida a simpática nota da ANG, que constitui um estímulo para o nosso trabalho:

«Um ano já se passou desde a saída do primeiro número do «Nô Pintcha». Um ano de trabalho, de experiência e de luta em que este trissemal foi, conjuntamente com os restantes órgãos da nossa Informação, o primeiro veículo da nossa cultura e da nossa luta.»

«Todos nós estamos conscientes das dificuldades técnicas e humanas com que se debate o «Nô Pintcha» e por isso mesmo não podemos deixar de nos regozijar com as realizações já levadas a cabo e com a melhoria nítida e constante que se tem verificado nos trabalhos produzidos e que não são senão os frutos da capacidade, dedicação e entusiasmo dos camaradas que ali trabalham. Por isso mesmo, deixamos aqui consignados os nossos votos de muitos êxitos, certos de que o «Nô Pintcha» levará a bom termo as responsabilidades históricas que lhe cabem nesta fase particularmente difícil de reconstrução nacional e que trabalhará cada vez mais e melhor para a realização dos objectivos que todos nós perseguimos no quadro da nossa informação, que é de dar um novo conteúdo e uma nova dimensão à consciência revolucionária do nosso povo, a melhor arma de que dispomos nesta fase da nossa luta, e de abrir novas perspectivas àquilo que constitui hoje a nossa maior riqueza, o homem novo fruto de tantos anos de luta heróica».

Porque não reabriu ainda a nova Biblioteca Nacional

A propósito de uma carta publicada na secção «Dos leitores», em que um nosso leitor interrogava as «entidades competentes» sobre a data da abertura da Biblioteca Nacional da Guiné-Bissau, recebemos do director do Museu Nacional e Centro de Estudos, camarada Mário Cissoko, o seguinte esclarecimento:

«A Biblioteca Nacional da Guiné-Bissau no tempo colonial, não era, por um lado, senão um velho armazém de publicações, e, por outro lado, um instrumento policial para detectar «os portugueses» e (os agressores estrangeiros». A nova Biblioteca não será uma cornija primaveril. Restituiremos a sua identidade científica.

Surpreendi-me fortemente quando o camarada António da Silva, (ver «Nô Pintcha», de 23 de Março de 1976. p.p.), se atreve a dizer que «há muitos leitores» em Bissau. De Outubro de 1974 (depois da evacuação dos últimos contingentes coloniais), até ao dia da mudança

dos nossos fundos (os livros, jornais, revistas, arquivos históricos, etc), 85% dos leitores não se interessavam senão pelos cow-boys e foto-novelas. Esta «epidemia moral» continua até ao momento presente. Quando passo, ouço os moços «apreciar» formas de linguagem usadas em certos casos e ainda «heróis», de que não se sabe donde vêm. Certos chegam a pedir emprestados livros e boletins quando a natureza das suas funções o exige.

Por outro lado, temos em vista criar bibliotecas regionais e 3 museus:

- 1 Museu histórico no Gabú;
 - 1 Museu etnográfico em Bubaque e outro em Cacheu ou Camchungo.
- Alguns atrasos na abertura das salas de leitura devem-se a:
- Falta de pessoal;
 - Falta de espaço, de material indispensável (mesas, cadeiras, prateleiras, etc);
 - A Biblioteca Nacional tem mais de 200.000 volumes;
 - Novo sistema de montagem.

Março de 1975

Esmagados os inimigos e traidores que tentaram conspirar contra o P.A.I.G.C.

Faz depois de amanhã, dia 29 de Março, precisamente um ano, que o segundo número do «Nô Pintcha» saía à rua com o seguinte título de primeira página: «Esmagados os traidores e inimigos do nosso povo».

Durante cinco dias — de 21 a 26 de Março — tinha vigorado em todo o País o recolhimento obrigatório. Embora o

civismo com que as medidas de segurança foram acatadas tivesse demonstrado que a população compreendia que qualquer coisa de muito grave se tramava contra a sua liberdade e a sua vida, foi o «Nô Pintcha», publicado quando o perigo já estava afastado, que acabou por romper o silêncio, divulgando o que acontecera nesses inquietantes dias.

Os Serviços de Segurança e as Forças Armadas Revolucionárias do Povo acabavam de esmagar uma tenebrosa conspiração, tramada por um grupo de traidores e inimigos do nosso povo, visando a liquidação física dos dirigentes do Partido e do Estado e a tomada do Poder. No sinistro plano estava também previsto o desmantelamento do PAI GC em Cabo Verde, se necessário com a intervenção do exterior.

A fim de criar o ambiente que favoreceria a realização do tenebroso plano, uma campanha de boatos havia sido lançada e diversas acções de sabotagem económica estavam em curso, além de se preverem actos de terrorismo.

A rápida intervenção dos Serviços de Segurança fez abortar o criminoso plano, cujos principais implicados foram facilmente descobertos e neutralizados.

Certamente toda a gente se recorda desses dias de inquietação (mas não de pânico), ao fim dos quais a nossa liberdade surgiu mais forte e mais segura. O nosso jornal esgotou-se rapidamente, sendo lido em voz alta, nos mais diversos locais, onde a curiosidade e o patriotismo tornavam os ouvidos ávidos de notícias.

Mas, ao evocarmos a conspiração reaccionária de Março do ano passado, queremos sobretudo reproduzir aqui as palavras com que titulámos o editorial que o «Nô Pintcha» então publicou. Essas palavras eram «Vigilância, camaradas!»



A 1.ª página do «Nô Pintcha» de há um ano

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

E.U.A. RECONHECEM GOVERNO ARGENTINO

ARGENTINA (AFP)—Os Estados Unidos reconheceram oficialmente o novo regime militar no poder, na Argentina, anunciou o ministério dos Negócios Estrangeiros argentino. O reconhecimento foi noticiado por escrito num comunicado transmitido ao almirante Antonio Vanek, ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, pelo embaixador americano acreditado em Buenos Aires, Robert Hill.

PAÍSES PROGRESSISTAS APOIAM A SWAPO

PARIS — (AFP) — Peter Katjavivi, responsável da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO), para o Reino Unido e Europa Ocidental, declarou em Paris durante uma conferência de imprensa que a SWAPO «reserva para si o direito de apelar a qualquer forma de apoio que julgar apto para o cumprimento dos seus objectivos». Enquanto movimento de libertação, prosseguiu, mantivemos sempre estreitas ligações com o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Agora que Angola é independente, acrescentou Katjavivi, compreende melhor os nossos problemas. O mesmo acontece com Cuba e Tanzânia.

SIAD BARRE

NA JUGOSLÁVIA

MOSCOVO (AFP) — O Presidente Siad Barre, da República da Somália, chegou à Jugoslávia, vindo da URSS, onde permaneceu mais de um mês a convite do Comité Central do P.C.U.S. (Partido Comunista da União Soviética).

Durante a sua estadia, o Presidente somaliano assistiu em Moscovo aos debates do 25.º Congresso e encontrou-se com Leonid Brejnev.

«GULF OIL», AO TRABALHO!

LUANDA (AFP) — O Governo da República Popular de Angola convidou a companhia americana «Gulf Oil» a retomar imediatamente a produção do petróleo em Cabinda, sem aguardar o final das negociações, que decorrem entre as duas partes sobre um novo contrato, indica um comunicado governamental publicado pelo diário «Jornal de Angola». O governo pede que a companhia americana responda, imperativamente, antes do 2 de Abril, próximo sexta-feira, a esta resposta.

PRIMEIROS-MINISTROS DE ANGOLA E SAHARA ENCONTRAM-SE EM ARGEL

ARGEL (AFP) — O primeiro-ministro angolano, Lopo do Nascimento, de visita em Argel, encontrou-se com Mohamed Lamine Ould Ahmed, Primeiro-Ministro da República Árabe Sahara Democrática. Lamine, precisa a agência argelina, APS, informou ao seu homólogo angolano sobre a situação política e militar, no Sahara Ocidental, tendo precisado que o seu encontro com Lopo do Nascimento «situa-se no quadro da luta dos povos africanos pela liberdade e independência». Angola reconheceu há quinze dias a República Árabe Sahara Democrática.